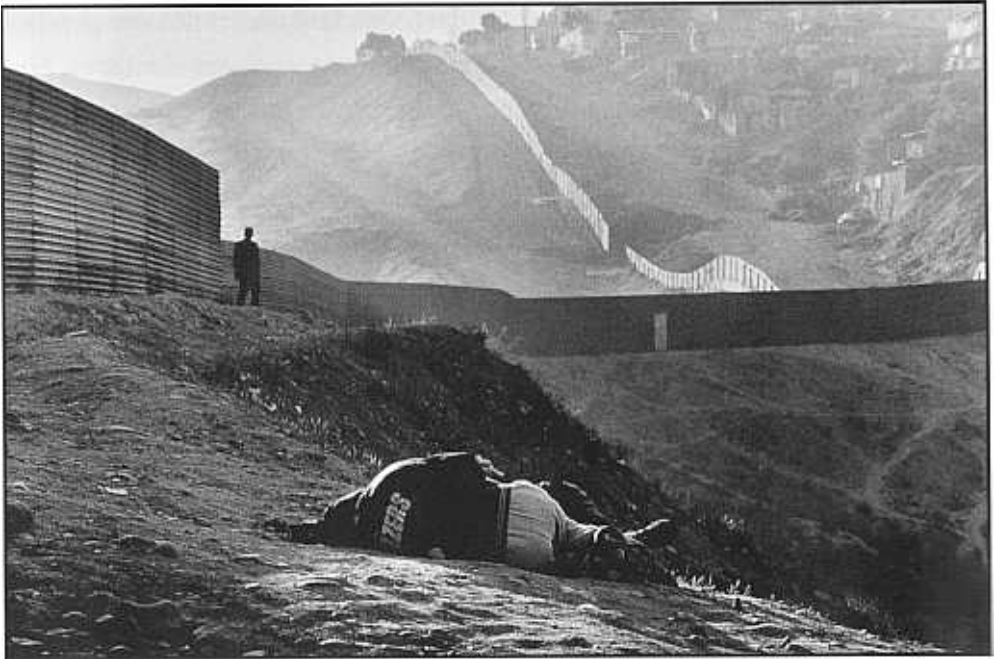


*Novas fronteiras de sofrimento e esperança*

---



**P**isou com força na beira do trilho e jogou a mochila para dentro do vagão que passava em velocidade reduzida. Saltou para dentro e bateu com o ombro esquerdo no ferro da engrenagem da porta. A dor foi tão forte que chegou a desmaiar. Quando acordou, estava estirado num canto escuro do vagão, sentindo apenas a respiração de alguém a seu lado, mas nada enxergando.

– Quem está aí? – perguntou em voz baixa.

– Sou Jorge Hernández – respondeu o estranho.

– Onde estão meus amigos?

– Não sei, eles não entraram neste vagão – disse o rapaz que deveria ter menos de 20 anos. – Ouvei barulhos e correria quando você entrou. Seu grito atraiu minha atenção e não sei o que aconteceu lá fora.

Ernesto tentou se levantar.

– Vamos pular para a plataforma entre os vagões, é um espaço mais seguro se precisarmos fugir das autoridades que fiscalizam os trens – sugeriu o rapaz.

Ernesto sentia o ombro doer muito e seus movimentos estavam mais difíceis.

– Onde estamos? – perguntou ao jovem.

– Estamos seguindo para o norte do México.

De repente, perceberam que o trem diminuía o ritmo. Começaram a se preparar para a chegada das autoridades. Esconderam-se sob as engrenagens. Os homens da imigração passaram a vistoriar os vagões. O primeiro a ser encontrado foi o padre Morales. Em seguida, Carlos e Manuel. Ernesto teve medo de retornar sem nada para a mulher e os filhos que permaneceram em Ciudad Hidalgo. Escondeu-se tão bem que não foi visto. O trem retomou o movimento e Jorge pulou de volta para o vagão mais próximo.

– Venha logo – gritou Jorge.

Olharam para o lado e viram padre Tomás sair do mato e pular para junto deles. Foi uma alegria, pois pensaram que ele estivesse morto com os tiros disparados pelos mili-

cianos, durante o embarque. Ernesto tinha febre e o ombro doía cada vez mais. Do bolso da batina, o padre tirou um saquinho com remédios, faixas de gaze e um vidro com arnica e ervas para unguento.

Depois dos cuidados recebidos, Ernesto perguntou ao padre por que seguia com o grupo sem os papéis oficiais. Ele respondeu que estava percorrendo essa rota pois precisava documentar para a Anistia Internacional a trajetória dos peregrinos que deixavam o país em número tão elevado.

Jorge, que estava migrando pela segunda vez em busca de emprego, conhecia o caminho e os perigos da travessia. Enquanto todas as atenções estavam voltadas para o comboio de carga, Jorge tinha aproveitado uma parada – onde os traficantes descarregavam a pasta de cocaína – para banhar-se, obter água e comida para os três. O trem permanecia parado por duas horas, tempo suficiente para obter provisões. Seguia por entre os escombros de uma estação desativada. No caminho, avistou a torre de um comboio de combustível que, pelos trilhos de retorno, dirigia-se ao México e nela percebeu alguns migrantes bem visíveis que acenavam. Retornando ao vagão, perguntou ao padre o que significava aquilo. O missionário respondeu que algumas pessoas usavam esse meio pois acreditavam ser mais seguro. A polícia não atiraria numa torre de combustível por causa do perigo de explosão.

- Como poderemos passar o tempo nesta escuridão? – perguntou Ernesto ao padre. Estava sem febre e a dor diminuía muito.
- Podemos conversar, meu filho, podemos contar nossos sonhos ou nossas histórias.

Jorge resolveu iniciar a conversa falando um pouco de si, contando sua história aos companheiros de viagem. Nascera em Valparaíso, e seus avós eram camponeses que tinham lutado na Revolução Mexicana. Seu pai recebeu terras no período em que o presidente Lázaro Cárdenas promoveu a reforma agrária no país. Entretanto, ele era sem-terra. Pensava que a falta de uma política agrícola adequada e o tamanho das áreas concedidas tinham impedido que os filhos de Juan Carlos, seu pai, permanecessem nas terras.

Fez o curso primário em Ciudad Hidalgo, mas não conseguiu emprego. Seus primos seguiram para os Estados Unidos, e ele estava pela segunda vez percorrendo o caminho que os parentes fizeram no início dos anos 80. Aí, teria onde ficar e tentaria obter um visto para trabalhar legalmente. Se não conseguisse, continuaria migrando sempre.

Padre Tomás não era tão otimista como Jorge. Sabia das extremas dificuldades que viveriam até se instalarem nas casas dos parentes do rapaz. Ficou acertado que seguiriam juntos, pois seria mais seguro. Se fossem pegos, tentariam como desculpa afirmar que o padre estava levando consigo um sobrinho e um tio numa viagem missionária. Ou, em último caso, o padre informaria a Comissão de Direitos Humanos de sua diocese sobre as prisões.

Avistaram ao longe uma enorme grade de arame. Ernesto interrogou o padre com o olhar. Este informou que eram as cercas metálicas construídas pelo governo dos Estados Unidos, a fim de evitar a passagem dos migrantes que chegavam à fronteira. Estavam em Tijuana, o principal núcleo de entrada dos clandestinos hispânicos.

– A patrulha da fronteira – disse o padre – é hoje constituída por 2.200 vigilantes que percorrem as áreas de San Ysidro a Tijuana. Têm aparelhos portáteis para visão noturna em infravermelho, que lhes garantem o controle sobre uma área de seis quilômetros – concluiu o padre.

Jorge estava excitado.

– Deve ser muito bom roubar um desses equipamentos! – afirmou, entusiasmado.

– Está pretendendo roubar? – disse o padre.

– Não, senhor, mas, se por acaso pudermos tomar um emprestado, também poderemos nos proteger melhor, não acha? – Ernesto riu pela primeira vez desde que começara a viagem.

Jorge era do tipo bonitão, mas não lhe faltavam esperteza e inteligência. Seus olhos negros e brilhantes eram expressivos e maliciosos e raramente ocultavam o propósito de suas ações. Os cabelos, levemente ondedados, davam-lhe por fim um ar de juventude invejável.

– Quanto sofrimento inútil se impõe a todos os pobres neste nosso mundo egoísta – disse o padre.

– O pior é que nosso próprio governo acaba estimulando essa situação – afirmou Ernesto. – Desde 1994, apóia a instalação de empresas nessa faixa de três quilômetros de fronteira. O governo financia ou reduz os impostos para que as indústrias tenham interesse em atuar nessa área. Além disso, os trabalhadores recebem salários mais baixos, uma vez que estão a um passo de serem desterritorializados – concluiu.

Todos ficaram em silêncio pensando em como atravessar pela cerca ao saírem do trem.

O rapaz comentou para si mesmo em voz alta:

– Se não encontrarmos um buraco na cerca, poderemos seguir para as montanhas rumo ao Arizona ou à Califórnia.

– Não, meu filho, o problema não é encontrar buracos, mas escapar dos detetores eletrônicos que atraem os patrulheiros. A violência da repressão é tanta que a fuga passa a ser questão de sobrevivência! – considerou o padre.

– Vejam, aí está a cerca! – prosseguiu.

O coração de Ernesto disparou com a carga de adrenalina produzida no corpo tenso! Aparentemente tudo estava calmo. Saltaram do trem em movimento e correram para uma área escura, ocupada por tambores e restos da casa de máquinas da estação mais próxima.

O padre havia enrolado a batina para ganhar mais movimento na corrida. Jorge resolveu fazer piada e, sorrindo, perguntou a Tomás se ele estava grávido. Ernesto pedia silên-

cio. Estava com tanto medo que, se fosse possível, nem respiraria. Os três estavam bem escondidos quando ouviram um corre-corre. Um homem fugia aceleradamente dos funcionários da imigração. A imagem fez com que ficassem petrificados.

De repente, um estampido...

O corpo do homem foi projetado na cerca, empurrado pelo impacto da bala que o atingiu pelas costas. Tomás fez o sinal da cruz e rezou por sua alma, sentindo profunda tristeza pela violência policial e admiração pela coragem do rapaz.

Quando passou o perigo, saíram em silêncio, em busca de uma passagem pela qual pudessem atravessar para o lado americano.

---

FOTO Tijuana, fronteira com os Estados Unidos, cidade onde se instalam os migrantes clandestinos capturados pelos patrulheiros americanos na divisa. México, 1997.

---

MAPA n. 1 Do México para os Estados Unidos, migrações na América Central.

---

LIVROS BETHEL, L. e ROXBOROUGH, I. (org.). *América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 ■ DONGHI, T. H. *Hispanoamérica después de la independencia*. Buenos Aires: Paidós, 1972 ■ IOKOI, Zilda M. G. *Igreja e camponeses: A Teologia da Libertação e os movimentos sociais no campo – Brasil/Peru (1964-1988)*. São Paulo: Hucitec, 1996 ■ PAZ, Octavio. *Labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 ■ VERÍSSIMO, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

---

FILMES *Imperialismo América* (1978, Otávio Bezerra) ■ *Nossa América* (1989, Silvio Rin).

---

## MIGRANTES CLANDESTINOS

A maioria dos que migraram para a Cidade do México saiu das regiões mais pobres do país. O número de trabalhadores informais cresceu na última década e as ruas da cidade passaram a ser ocupadas por diferentes grupos humanos, cada qual tentando, em conjunto, ou de modo individual e isolado, constituir seu caminho de sobrevivência. Evidentemente, essa situação provoca o aumento da violência e vêem-se, nas portas das igrejas, sob os viadutos e mesmo nas praças, as crianças cuja infância lhes é negada, submetidas aos traficantes de diferentes lugares e cheirando cola, cocaína ou mesmo consumindo maconha ou craque.

De acordo com o Instituto para a Economia Internacional dos Estados Unidos, o êxodo de mexicanos para o país é o maior movimento migratório de um só grupo étnico ou nacional da história norte-americana, superior ao de irlandeses, italianos, judeus, japoneses ou os demais povos que para aí se dirigiram.

Desde 1995, o governo vem tentando minimizar esse afluxo, desenvolvendo as operações La Guardia e Rio Grande, em diferentes pontos da fronteira, cujos objetivos centrais são os de garantir maior apoio técnico aos vigilantes para evitar a passagem ilegal dos mexicanos. Aparelhos de TV com monitores capacitados para iluminação noturna com luz infravermelha, rádios de alta potência e equipamentos de identificação biométrica são usados continuamente, exigindo novos investimentos em fronteiras. Outra preocupação foi com o aumento do número de funcionários, que hoje atinge a cifra de 112 mil, 62% maior que em 1996.

Os migrantes, entretanto, procuram ultrapassar esses obstáculos, já que a esperança de viver na fartura, no conforto e na ostentação, divulgados amplamente pelas redes de televisão e pelos parentes e amigos, anima-os a correr os riscos. Os que penetram pelo Arizona ou Califórnia são ajudados pelos *polleros* ou *coyotes*, pessoas especializadas em atravessar a fronteira que chegam a cobrar 1.500 dólares de cada migrante. Um estudo feito pela Universidade de Huston mostra que entre 1993 e 1997 morreram na fronteira 1.183 pessoas. Entre elas havia um brasileiro, de São José dos Campos, que em março de 1997, aos 26 anos, afogou-se ao tentar atravessar o rio Laredo, no Texas (cf. dados da *Enciclopédia do mundo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 1999).